

Entre a apoteose e a diabolização. A recepção de Pombal na literatura e no jornalismo de língua alemã por volta de 1870

Between apotheosis and demonization. The reception of Pombal in German-language literature and journalism around 1870

PETER C. POHL¹

Resumo: Este artigo visa apresentar, analisar e contextualizar a recepção de Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, na produção literária e jornalística, em língua alemã, da década de 70 do século XIX. Para o efeito, a primeira secção descreve os processos históricos de transformação e diferenciação na Alemanha durante este período e situa a ocasião específica que trouxe Pombal à luz do empenho jornalístico e literário. Estamos a falar do *Kulturkampf* (a luta, ou guerra, cultural) prussiano contra a Igreja Católica do Papa Pio IX, que resultou na proibição da Companhia de Jesus em 1872, mas também na administração dos bens da Igreja pelas comunidades e no casamento civil. A grande maioria das declarações sobre Pombal refere-se, directa ou indirectamente, a este conflito. Passaremos então ao retrato de Pombal na peça de Werther e na narrativa de Holzwarth. Numa leitura atenta, iremos explorar as diversas representações do ministro português no imaginário cultural e seus significados. Veremos que no decurso do *Kulturkampf*, Pombal tornou-se uma figura histórica de reflexão para grupos nacionais, políticos, confessionais e ideológicos muito diferentes.

Palavras-chave: Marquês de Pombal; representações; século XIX; *Kulturkampf*.

Abstract: This article aims to present, analyze, and contextualize the reception of Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquis of Pombal, in the literary and journalistic production, in the German language, of the 1870s. To this end, the first section describes the historical processes of transformation and differentiation in Germany during this period and situates the specific occasion that brought Pombal to the forefront of journalistic and literary efforts. We are talking about the Prussian *Kulturkampf* (the cultural struggle or war) against the Catholic Church of Pope Pius IX, which resulted in the prohibition of the Society of Jesus in 1872, as well as the administration of Church properties by communities and the introduction of civil marriage. The vast majority of statements about Pombal refer, directly or indirectly, to this conflict. We will then move on to the portrayal of Pombal in Werther's play and Holzwarth's narrative. Through a close reading, we will explore the various representations of the Portuguese minister in the cultural imagination and their meanings. We will see that, in the course of the *Kulturkampf*, Pombal became a historical figure of reflection for very different national, political, confessional, and ideological groups.

Keywords: Marquis of Pombal; representations; 19th century; *Kulturkampf*.

¹ Institut für Germanistik, Philologisch-kulturwissenschaftliche Fakultät, Leopold-Franzens Universität Innsbruck, 6020 Innsbruck, Austria. O autor usa a ortografia anterior ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

1. Introdução

Há um período muito breve no século XIX, nos jornais e revistas do antigo território do Sacro Império Romano da Nação Alemã, durante o qual Sebastião José de Carvalho e Melo se torna um ponto central de referência. Esta súbita atenção mediática não se encontra ligada a um exame historiográfico bem enraizado na pessoa real do Marquês de Pombal, sendo antes uma questão de referências de motivação ideológica para uma ocasião concreta. Este momento histórico em si pode ser impressionantemente circunscrito por meios estatísticos. Nos jornais e revistas históricas digitalizados da Biblioteca Nacional Austríaca,² existem 1577 referências a «Pombal» desde 1704 até 2000. Se procurarmos conspiciuidades temporárias, a atribuição das referências às secções históricas faz sentido. No primeiro nível de classificação oferecido pelo *website*, que distingue entre fases de cerca de 60 anos, a distribuição é a seguinte:

1704-1762	6
1763-1821	333
1822-1880	772
1881-1939	447
1940-2000	17

É de notar que Pombal foi frequentemente mencionado no período entre 1822 e 1880. Se olharmos agora mais de perto para este período na etapa seguinte, que agrupa as referências aproximadamente por década, surge a seguinte distribuição:

1822-1832	90
1833-1844	178
1845-1855	114
1856-1867	96
1868-1880	294

Em 12 anos (de 1868 a 1880), há, assim, um número comparável de menções a Pombal, como de resto apenas em períodos muito mais longos, como os sessenta anos que vão de 1763 a 1821. E, mesmo dentro dos 12 anos, as referências a Pombal divergem em medida semelhante às dos passos de diferenciação anteriores:

1868-1869	30
1870-1871	25
1872-1874	174
1875-1876	32
1877-1880	33

² Acessíveis no site <http://anno.onb.ac.at>.

Em pouco menos de dois anos, Pombal foi o foco de atenção dos meios de comunicação social no jornalismo austríaco, como em nenhum outro momento. Este período destaca-se também nos jornais alemães — o que será discutido mais tarde —, embora as menções a Pombal sejam mais raras do que na Áustria e as diferenças em relação ao resto do período não sejam tão marcadas.

A actividade jornalística destes anos é complementada por um interesse literário que também cresce subitamente. Uma peça e três histórias históricas surgiram por volta de 1870: a peça de Julius Werther em cinco actos *Pombal*, o texto publicado anonimamente *Malagrida und Pombal. Oder: Ein Opfer des Jesuitenhass* [*Malagrida e Pombal. Ou: Uma vítima do ódio jesuíta*], escrito pelo padre sul-alemão Franz Joseph Holzwarth, descrito como *uma narrativa histórica dos anos 1750-1761*, bem como a igualmente anónima *feuilletonnovelle Das attentat* [*O assassinato*], impressa em Fevereiro e Março de 1869 no jornal *Erzgebirgischer Volksfreund*. Os três textos publicados na Alemanha foram, presumivelmente, escritos por alemães. Holzwarth publicou também outra versão do material como uma novela de *feuilleton* na Áustria, mais precisamente no *Lienzer Zeitung*, em Novembro e Dezembro de 1873, sob o título *Ein Gottesgericht. Historische Originalnovelle aus der portugiesischen Geschichte* [*Um julgamento de Deus. Novela histórica original da história portuguesa*]. Estes quatro textos literários são também mencionados

nos discursos da imprensa escrita: para além da reimpressão em série anónima da história e da novela, há anúncios e críticas consideravelmente diferentes da peça de Werther. Além disso, os discursos literários e mediáticos estão interligados em termos de conteúdo, embora as especificidades do tipo de fonte devam ser tidas em conta. Temos, assim, um fenómeno marcante quanto à recepção de Pombal em língua alemã — a quantidade de referências por volta de 1870 — e um *corpus* misto, textos literários maioritariamente publicados na Alemanha e numerosas referências jornalísticas a Pombal, mais frequentes na Áustria.

Este artigo visa apresentar, analisar e contextualizar o fenómeno. Para o efeito, a primeira secção descreve os processos históricos de transformação e diferenciação na Germânia durante este período e situa a ocasião específica que trouxe Pombal à luz do empenho jornalístico e literário. Estamos a falar do *Kulturkampf* (a luta, ou guerra, cultural) prussiano contra a Igreja Católica do Papa Pio IX, que resultou na proibição da Companhia de Jesus em 1872, mas também na administração dos bens da Igreja pelas comunidades e no casamento civil. A grande maioria das declarações sobre Pombal refere-se, directa ou indirectamente, a este conflito. Passarei então ao retrato de Pombal na peça de Werther e na narrativa de Holzwarth. Numa leitura atenta, irei explorar os diversos significados do ministro português no imaginário cultural; no decurso do *Kulturkampf*, Pombal tornou-se uma figura histórica

de reflexão para grupos nacionais, políticos, confessionais e ideológicos muito diferentes. A discrepância das imagens de Pombal é brevemente ilustrada por duas citações, a primeira extraída do drama polémico de Werther:

Não teremos todos nós muito mais vantagens e segurança após os novos decretos e leis? As nossas indústrias não estão protegidas? Será que Dom Carvalho não expulsou os Corsários das nossas costas com os navios de guerra recém-construídos e as empresas comerciais estabelecidas para os países ultramarinos? A agricultura e o comércio não estão a subir rapidamente? Bem, não é assim? (Werther, 1872: 7)

A citação da peça refere-se à imagem do reformador e iluminador Pombal, que construiu Portugal e o aproximou mais das outras nações europeias. Nesta «peça da tendência» (na literatura em língua alemã, *Tendenstück* significa uma peça teatral com alusões e intenções políticas), Pombal actua também como um salvador humano que ajuda as pessoas afectadas pelo terramoto a «ressuscitar» (Werther, 1872: 21), iluminando-as literalmente e resgatando-as de uma cripta enterrada. Em contraste, a narrativa histórica do padre do sul da Alemanha forma a imagem de um perseguidor malicioso da Companhia de Jesus, a quem o texto dá mais tarde explicitamente traços diabólicos.

A natureza crítica destes meios [utilizados pelos perseguidores dos Jesuítas] não é provavelmente mais clara e definitiva do que a tempestade desencadeada pelo violento Mi-

nistro de Estado português Pombal sobre a Companhia de Jesus nos anos cinquenta do século passado. O excesso de malícia e de violência escandalosa neste triste episódio da história é evidente na perseguição infligida pelo Ministro ao santo Padre Gabriel Malagrida. (Holzwarth, 1872b: IV)

A tese apresentada neste artigo baseia-se nestas afirmações opostas – por um lado, o progressista e reformador social; por outro, o déspota sanguinário e inimigo dos Jesuítas – precisamente porque a figura do Marquês de Pombal na literatura de língua alemã do século XIX é rica em contradições, funcionando como uma chave para compreender as distorções fundamentais da modernidade, que se materializaram de forma semelhante a um evento na Lei Jesuíta de 1872, mas que na realidade têm um antecedente mais longo. Será demonstrado que os aspectos históricos estão sedimentados no significado contraditório das representações literárias. Realiza tensões ideológicas, culturais e de Estado que condicionaram o caminho da Alemanha para a modernidade e ao longo da mesma.

Aspectos semelhantes foram já observados nas primeiras reflexões mediáticas sobre a pessoa e as acções de Carvalho e Melo no século XVIII. Em *Der Untergang der Gesellschaft Jesu (1758-1773)*, Christine Vogel mostra como, no evento mediático europeu da perseguição jesuíta, várias estratégias de esclarecimento e contra-iluminação no tratamento jornalís-

tico deste tópico foram consolidadas. No seu estudo aprofundado, a autora começa por explicar porque fala de um «evento mediático»:

O conceito de um evento mediático tem em conta o facto de as declarações jornalísticas não terem simplesmente «reflectido» o evento, mas constituírem-no na sua agitação para o público europeu, em primeiro lugar. As publicações individuais sobre o caso jesuíta ofereciam padrões narrativos ou iconográficos de interpretação, proporcionavam contextos de significado e possíveis parcelas concebíveis aos contemporâneos. (Vogel, 2006: 6)

Vogel recorda também o carácter específico do processo de comunicação, a densidade particular e a dinâmica recursiva das afirmações. A autora mostra como a controvérsia «contribuiu para uma clara polarização do público europeu, também e especialmente no que diz respeito às ideias e preocupações centrais do Iluminismo» (Vogel, 2006: 9). Ao fazer uso das mais recentes tecnologias dos *media* e da imaginação cultural, as diferentes forças em conflito de vários países (luteranos e católicos na Alemanha, jesuítas, jansenitas e pensadores do Iluminismo radical em França) estabeleceram padrões agonais de interpretação. Vogel ilustra este aspecto com a narrativa e as construções visuais dos actores centrais no debate jesuíta português: Pombal e Malagrida. A apoteose e a diabolização já podem ser observadas nos periódicos do Iluminismo:

a iconografia comum de Malagrida como regida nas caricaturas jansenistas não é menos pejorativa do que a caracterização de Pombal por Holzwarth.

Assim, no decurso do *Kulturkampf* prussiano, realiza-se um segundo debate jesuíta no qual se repetem certos mecanismos do século XVIII e se estabelecem ligações com formas de jornalismo propagandístico do Iluminismo tardio. As personagens históricas de Pombal e Malagrida são retomadas e polarizadas de forma semelhante em semântica e na sua caracterização narrativa. O contexto histórico, porém, está a mudar profundamente. Com a fundação do Império Alemão no Salão dos Espelhos, em Versalhes, e a construção da Dupla Monarquia Austro-Húngara, o último terço do século XIX assistiu a uma reorganização da Europa Central que, apesar de todas as melhorias económicas e culturais, não produziu estabilidade. Em vez disso, no contexto da modernização forçada, que pode ser definida por factores como a construção da nação, o imperialismo, a mecanização, a industrialização, etc., as tensões sócio-culturais e políticas intensificaram-se. E a iconografia e as narrativas pombalinas do século XIX fornecem uma pista sobre o porquê. Mostram a profundidade das clivagens entre partidos, confissões e nações. As actividades jornalísticas e literárias não visavam tanto a criação da esfera pública idealizada por Jürgen Habermas na década de 1960, que tem a ver com a livre troca de opiniões e o «zwanglose Zwang des bes-

seren Arguments» («coacção sem coerção do melhor argumento»); pelo contrário, com as suas técnicas eficazes e intenções maliciosas e difamatórias, moviam-se dentro de espaços de expressão regulados pelo Estado que competiam entre si e que eram dominados pelo ressentimento. As representações culturais de Pombal servem assim de bitola para um conflito aparentemente insolúvel na Europa Central que haveria de culminar no início do século xx.

Uma análise histórico-sistemática das construções jornalísticas e literárias de Carvalho e Melo no final do século xix continua a ser, no entanto, um desiderato. Dentro dos limites deste artigo, estou preocupado com um aspecto. Gostaria de discutir o significado das fontes literárias. Para além de critérios estéticos, retóricos e poéticos quase intemporais, a literatura tem também características específicas de época — como foi o caso na segunda metade do século xix, quando dramas (devido à fundação de teatros nas províncias) e romances (devido à sua publicação em *feuilletons*) foram transformados em produtos dos *mass media*. Com as novas possibilidades tecnológicas dos meios de comunicação, o material pode ser levado a um número crescente de destinatários. É possível responder a uma fome quase insaciável de novidades, o

que leva à consolidação do mercado de bens estéticos. Neste processo, surgem novas preferências de leitura, que podem ser vistas em tipos de texto como o romance histórico, a novela histórica ou o drama histórico. Com intenções de entretenimento, estes géneros de texto abordam acontecimentos históricos que são estabelecidos no passado, mas que têm um valor reflexivo para o presente. Para que estes artefactos literários resistam ao teste do tempo num campo cada vez mais economizado e dinâmico, tendem a exagerar. Histórias de sociedades secretas e conspirações inundam o mercado, clichés exóticos proliferam. Quando autores de língua alemã transformam Pombal num anjo ou num diabo, não o fazem apenas por razões propagandísticas e discursivas-históricas, mas também por razões de tecnologia dos *media*, economia cultural e história literária. As peças e narrativas não respondem apenas a acontecimentos recentes recorrendo a acontecimentos históricos — nisto não seriam diferentes de declarações jornalísticas. Mas as suas imagens são mais acessíveis, mais drásticas, menos ambíguas, o que irei concluir com uma comparação entre as narrativas literárias pombalinas e a recepção jornalística de Pombal. Ao fazê-lo, abordarei outra circunstância: a diferente situação da história da imprensa, seja na Alemanha, seja na comparação da Alemanha com a Áustria.

2. Esboço histórico: os anos por volta de 1870 na Alemanha

Nesta secção, dirigida aos leitores portugueses pouco familiarizados com a história da Áustria e da Alemanha, faz-se um delineamento das mudanças básicas na Alemanha por volta de 1870. Estes anos são também referidos como *Gründerjahre* (anos de fundação) e *Gründerzeit* (período de fundação), em que a palavra-chave *Gründen* («fundar») se refere à fundação do Império Alemão, uma fusão dos Estados do norte da Alemanha, liderada pela Prússia, com os Estados do sul, como a Baviera, Württemberg e Hesse, em Novembro de 1870. Contudo, o evento simbólico comumente associado à fundação do Império Alemão é a proclamação de Wilhelm I como imperador alemão no Salão dos Espelhos, em Versalhes, a 18 de Janeiro de 1871. Este dia foi subsequentemente designado como a data oficial de fundação e como feriado alemão (*Reichsgründungstag*). Para que todos pudessem ver, o ritual destinava-se a completar a ascensão da antiga potência regional Prússia ao estatuto de superpotência. Os pré-requisitos para tal foram o papel de liderança da Prússia na Confederação do Norte da Alemanha (*Norddeutscher Bund*) e os seus triunfos militares contra a Dinamarca, Áustria e França. A consolidação política foi acompanhada pelo progresso económico, que, embora temporariamente retardado pelo *crash* bolista de 1873, tendeu a continuar. Após 1896, a Alemanha viveu um longo período de prosperidade económica. O império protestante e

liberal também avançou culturalmente, o que ficou expresso no Modernismo de Berlim (*Berliner Moderne*) de 1890, primeiro na literatura e mais tarde arquitectonicamente, no compromisso com o progresso técnico e científico. Na esfera política, a reivindicação de grande poder manifestou-se nas aspirações imperiais de Wilhelm II. Uma geração antes, porém, a Prússia ainda era governada por Wilhelm I e pelo seu primeiro-ministro Bismarck. Este último impulsionou a secularização do Estado através do *Kulturkampf*. O objectivo era unificar os Estados alemães e reforçar a sua coesão, por exemplo virando os protestantes do sul da Alemanha contra a Áustria católica e o Vaticano. Um meio de fazer valer estes interesses foi o controlo das publicações de imprensa que Bismarck empreendeu na Prússia, o qual se tornou possível na Alemanha após a publicação de material impresso, graças à «Lei da Imprensa do Reich» (*Reichspressgesetz*), de 1874. Os editores de todo o Império assumiram então a responsabilidade pelos textos que publicaram e tiveram de contar com sanções severas, tais como a retirada de licenças. Anteriormente, tinham existido decisões jurídicas significativamente diferentes, com mais liberdade, por exemplo, em Baden.

Por outro lado, vê-se a antiga superpotência do mundo germânico em declínio. Encolheu e uniu-se à Hungria em 1867 para formar a Dupla Monarquia Austro-Húngara, a que o escritor Robert Musil chamou «Kakania» (*Kakaniën*), expressão que celebrizou no seu ro-

mance *Der Mann ohne Eigenschaften* (*O homem sem qualidades*). A dupla monarquia *imperial-royal*, ou «imperial e real», era também uma entidade linguisticamente imponente. Mas a alcunha, muitas vezes usada com alegria onomatopaica e escatológica, toca um verdadeiro acorde: a Kakania, mantida unida por um gigantesco aparelho burocrático, era um estado multiétnico e multilingue sobrecarregado que, comparado com os seus vizinhos do norte, parecia pacífico, mesmo infantilmente ingênuo. Pelo menos alguns contemporâneos, como Joseph Roth e Stefan Zweig, fazem aparecer a Dupla Monarquia como uma entidade transnacional e linguística altamente tolerante. Como a maioria dos outros mitos, o «Mito dos Habsburgos» (*Habsburgische Mythos*, como Claudio Magris lhe chamou) não carece de uma base real. Na «Constituição de Dezembro» (a *Dezemberverfassung*, de 21 de Dezembro de 1867), a Dupla Monarquia manteve de facto o catolicismo como religião estatal implícita, na medida em que o imperador podia nomear os bispos e proibiu as outras religiões de terem qualquer forma de organização estatal. Mas também foram concedidos direitos às outras religiões. Assim, a tolerância em relação à denominação judaica cresceu. E, na Constituição de Dezembro, a liberdade de imprensa foi legalmente garantida.

O que este esboço deixa claro é que, embora já existissem tensões entre a Áustria e a Prússia, as tensões entre o Império Alemão e a Kakania

iriam intensificar-se por volta de 1870. Foi um período em que, para simplificar, um Estado *parvenu* com uma orientação política e economicamente liberal, a Alemanha secular, ganhou reputação internacional, enquanto uma superpotência tradicional, a Áustria conservadora e católica, perdeu importância. Ao mesmo tempo que o Império Alemão se caracterizava por um nacionalismo monocultural agressivo, a Monarquia dos Habsburgos desenvolvia um supranacionalismo transétnico. Um lado pregava a acção, o outro tinha tendência para a cautela. A Alemanha «abraçou» o progresso tecnológico e a modernização, enquanto a Áustria, por razões de coesão estatal, escolheu um caminho tradicional, religioso mas tolerante. Isto aplica-se também à Companhia de Jesus, que foi banida em 1848, mas recebeu depois apoio na segunda metade do século XIX: em 1857, o imperador aprovou a fundação da Faculdade de Teologia em Innsbruck, que pouco depois recebeu o direito de conceder doutoramentos. Na Alemanha, contudo, a ordem foi proibida a 4 de Julho de 1872 e os jesuítas estrangeiros foram expulsos do país. Com a «Lei Jesuíta» (*Jesuitengesetz*), o Estado protestante, pelo menos de um ponto de vista ultramontano, mostrou o seu lado duro, frio e moderno. O debate jesuíta foi extremamente pesado, uma vez que a maior dinâmica histórico-cultural no mundo germanófono estava a ser negociada. Como nenhum outro, foi o Chanceler imperial Otto von Bismarck que encarnou o cálculo cínico das razões de Estado

na primeira fase do Império. Como confidente político de um rei envelhecido e perseguidor jesuíta, parecia ser o herdeiro directo do Marquês de Pombal. Os textos literários de católicos e protestantes sobre Pombal por volta de 1870 podiam, portanto, abordar os conflitos culturais e políticos da época e tinham o potencial de aprofundar as clivagens existentes.

3. Diabolização: F. J. Holzwarth (*Malagrida e Pombal*)

O que distingue um drama histórico ou um romance histórico de outras fontes históricas? Entre outras coisas, estes géneros fazem principalmente uso do poder imaginativo dos seus produtores e receptores para imaginar e plausibilizar o curso dos acontecimentos. Não têm necessariamente de ser fiéis às fontes, mas podem, ainda assim, sentir-se mais próximos da verdade histórica. Afinal, um romancista pode imaginar o pensamento de Pombal, um drama pode encenar situações históricas. Além disso, os textos literários estão sujeitos a condições genéricas específicas. Têm associadas possibilidades de expressão e níveis de reflexão. Nas novelas e romances impressos em forma de livro, estes incluem epitextos, ou seja, textos que não pertencem ao texto contínuo, mas que o emolduram e estão materialmente ligados a ele. Os prefácios, em particular, são importantes fontes de informação para a investigação em estudos literários. Aqui, é (normalmente) o autor que se exprime e explica as suas intenções. Holzwarth também faz uso

disso para criar ligações entre a história, o romance histórico e a actualidade, a situação em que ele escreve. Por exemplo, o prefácio descreve todas as acções relacionadas com a proibição real dos Jesuítas, em 1761, como «vergonhosas», «maliciosas» e «violentas». A narrativa utiliza então semântica idêntica para relatar a perseguição jesuíta e para caracterizar Pombal através de comentários do narrador ou de outros personagens. Finalmente, Holzwarth usa as mesmas palavras para descrever acontecimentos dos últimos meses em que a Companhia de Jesus «se tornou objecto dos ataques mais imoderados na nossa pátria alemã» (Holzwarth, 1872b: III). A data da publicação – o prefácio foi assinado «No domingo Lätare 1872» (Holzwarth, 1872b: VIII), ou seja, no Quarto Domingo da Quaresma, em Março ou Abril – não deixa dúvidas: Holzwarth quer paralelizar a perseguição histórica e actual dos Jesuítas com o drama e agitar contra Bismarck e a sua política cultural, diabolizando Pombal perante o público alemão. O prefácio da história afirma que o seu objectivo é «apresentar ao povo alemão um quadro fiel e histórico dos meios pelos quais a Ordem Jesuíta tem sido sempre combatida pelos seus inimigos» (Holzwarth, 1872b: IV). Esta intenção é também partilhada por um dos textos de não-ficção de Holzwarth do mesmo ano: o seu *Der Minister Pombal und der Jesuit Malagrida: Gerichte Gottes in der Geschichte. Ein Mahnruf für Fürsten und Völker* (*O ministro Pombal e o jesuíta Malagrida: Julgamentos de Deus na His-*

tória. *Exortação para príncipes e povos*) mostra, como se diz na introdução, «um ministro a estrangular um jesuíta. A linhagem de ministros que estrangulam os Jesuítas não morreu, bem como a linhagem dos Jesuítas que estão prontos para a tortura» (Holzwarth, 1872a: 1).

Coloca-se agora a questão de saber por que razão Holzwarth também usa um género literário. Ele próprio justifica a escolha pelo público não académico da narrativa, para quem um «tratado histórico enfadonho» (Holzwarth, 1872b: IV) não é adequado. O autor preferiu «um modo de apresentação em que tanto o prazer das cenas desenvolvidas à maneira de um romance como a forma estrita de um tratado histórico encontraram o seu lugar» (Holzwarth, 1872b: IV). Ele queria manter a tensão do leitor «sempre tão viva» (Holzwarth, 1872b: V), que pudesse ligar os milagres de Malagrida aos dados históricos. Se a informação fiável dos contemporâneos foi utilizada para caracterizar o jesuíta, foram também utilizadas fontes seguras para Pombal. A descrição de Pombal pode surpreender os leitores, que vêem nele «um político astuto, sempre calculista» (Holzwarth, 1872b: V). Contudo, o autor assegura-nos «que ele representa a verdade histórica em todas as suas partes essenciais» (Holzwarth, 1872b: V). O vicioso e violento «assassino do inocente jesuíta [Malagrida] manchado de sangue» (Holzwarth, 1872b: VI) tinha sido concebido com base em inquéritos históricos. Mas são apenas seis as fontes

citadas por Holzwarth, a maioria das quais provém de autores pró-Jesuítas. Entreter e instruir o leitor, de acordo com a doutrina de Horácio de *prodesse et delectare*, é, assim, uma intenção puramente superficial. Na verdade, o texto tem uma função hagiográfica e propagandística. O padre do sul da Alemanha instrumentaliza o género de narrativa histórica a fim de alcançar emocionalmente um público leitor menos instruído. Holzwarth publica em Regensburg e Mainz, portanto, em locais onde a maioria dos habitantes se opõe à política de Bismarck e onde existe liberdade de imprensa.

O texto compreende 116 páginas e é composto por 10 capítulos, um prefácio e uma conclusão. Os capítulos estendem-se entre sete e 19 páginas. Nos dois primeiros, Malagrida é introduzido e a sua pré-história é reconstruída. A narrativa hagiográfica começa no dia 10 de Fevereiro de 1750, com o primeiro regresso de Malagrida do Brasil, e relata dois milagres: por um lado, Malagrida transforma um pequeno barril de água em cornucópia para abastecer a tripulação sedenta durante a travessia; por outro, o jesuíta salva o navio da tempestade recorrendo a actos religiosos. Malagrida é descrito como uma personagem magra de barba branca, como um «religioso venerável» (Holzwarth, 1872b: 3) que «se dedicou às ciências com tal zelo, que rapidamente adquiriu uma reputação importante como estudioso» (Holzwarth, 1872b: 5). Nas colónias, era «um exemplo brilhante no caminho da virtude», o qual «levava uma vida

verdadeiramente santa com a sua actividade missionária» (Holzwarth, 1872b: 5). «Os seus alimentos consistiam em raízes cruas e frutos da floresta» (Holzwarth, 1872b: 6). «Só se permitia três horas de sono [...]. Toda a sua vida foi uma cadeia de trabalho apostólico e de rigorosos exercícios penitenciais, de modo que foi chamado o apóstolo do Brasil» (Holzwarth, 1872b: 6). Há relatos de «flagelações, vigílias e exercícios penitenciais de todo o tipo» (Holzwarth, 1872b: 10), dormindo inclusive «habitualmente ajoelhado» (10). O texto justifica os poderes miraculosos de Malagrida através da sua vida piedosa. Neste contexto, parece quase cómico que Holzwarth acrescente, no seu retrato histórico *Exortação para príncipes e povos*, os seguintes pontos à dieta de Malagrida: «chocolate, queijo e similares» (Holzwarth 1872a, 31). Na representação literária, Holzwarth exagera aspectos do conhecimento histórico que lhe são familiares.

O breve regresso de Malagrida a Portugal, no início da década de 1750, é então implicitamente apresentado como um exemplo de como Lisboa poderia ter escapado ao terramoto, nomeadamente através de uma maior penitência e de uma vida mais devota. No texto literário, a situação assim descrita confirma a obra de Malagrida *Juizo da verdadeira causa do terremoto que padeceo a corte de Lisboa no primeiro de novembro de 1755*, na qual «os nossos intoleráveis peccados» (Malagrida, 1756: 4) são citados como razões para a catástrofe sísmica. Holzwarth refere que Lisboa era um antro de

iniquidade quando o padre lá chegou. Malagrida luta efectivamente contra os pecados da capital, mas vê o seu verdadeiro campo de actividade noutro lugar. O jesuíta regressa aos «seu[s] índio[s]» (Holzwarth, 1872b: 11), onde tenciona terminar a sua vida no serviço missionário. Contudo, é chamado de volta, devido à morte iminente da viúva do rei, «Maria von Österreich» (Holzwarth, 1872b: 11). Ela quer que Malagrida ouça a sua última confissão e realize as execuções. Com o segundo regresso de Malagrida, termina a analepse e começa a trama principal. Malagrida é informado de que o ministro Pombal é um hipócrita que tem planos perigosos e negros – «negros, como a alma do ministro» (Holzwarth, 1872b: 15).

No terceiro capítulo, «O Terramoto», ocorre o acontecimento natural, que o texto legitima e plausibiliza indirectamente através da depravação da população e da perversidade de Pombal. Holzwarth enquadra o terramoto como julgamento de Deus, que Malagrida prevê antes da sua ocorrência: «Hoje é o dia do Senhor, um dia de terror e julgamento» (Holzwarth, 1872b: 20). A força do julgamento divino, porém, surpreende o clérigo, que publica um folheto no final do capítulo no qual descreve o desastre natural como um «castigo pelos pecados do povo» (Holzwarth, 1872b: 24).

Pombal, que surge apenas no quarto capítulo, é caracterizado como o antípoda de Malagrida. Vive no luxo e adora a ostentação. O ambicioso e excitável *parvenu* usa o fervor da hora.

Ele, cujo rosto «assumiu uma expressão diabólica de ódio e maldade» («einen teuflischen Ausdruck von Hass und Bosheit», Holzwarth, 1872b: 28), diz ao ingénuo rei que os Jesuítas haviam conspirado contra si. O ministro interpreta as reflexões do folheto de Malagrida como se este tivesse culpado não só o povo, mas especialmente o seu regente, o rei, pelo terramoto.

A conspiração contra Malagrida é o tema do capítulo seguinte, no qual o narrador enquadra a tentativa de assassinato do Rei Dom José I e os acontecimentos em torno dos Távoras na sua narrativa. Pedro Teixeira, um camareiro, insultara o Marechal Mascarenhas, Duque de Aveiro. Este último queria vingar-se de Teixeira, «mas sem prejudicar a sua vida» (Holzwarth, 1872b: 48). Dois criados a cavalo apontaram para a carruagem, mas falharam a sua vítima:

Infelizmente, Teixeira não estava sozinho, como acreditava o duque, mas o rei estava sentado à sua esquerda [...]. Os dois tiros perfuraram as costas da carruagem quase no meio, ferindo ligeiramente o rei no braço superior direito e o camareiro no ombro esquerdo [...]. (Holzwarth, 1872b: 49)

Pombal captura e tortura então a família Távora (Holzwarth, 1872b: 52) e o Duque de Aveiro. Este último não consegue resistir à tortura, e, «como Pombal exigiu, nomeou os detidos como cúmplices da conspiração de 3 de Setembro, os Jesuítas e especialmente

Malagrida como instigadores da mesma» (Holzwarth, 1872b: 52). Mas a trama maliciosa não termina aí. Pombal forja papéis que lhe permitem acusar o jesuíta de heresia. Outras acusações foram acrescentadas ao velho sacerdote, entre elas a de que havia cometido fornicação na masmorra. Malagrida está queimado, mas o seu coração permanece «intacto, enquanto o resto do corpo já estava em cinzas» (Holzwarth, 1872b: 111).

O final menciona então, tal como os créditos nos filmes, eventos que se seguiram à conclusão da narrativa. Por um lado, relata os fiéis lamentadores que se reuniram em Lisboa no local da morte do jesuíta. Por outro, é capaz de tranquilizar o leitor que está a agonizar sobre a injustiça dos acontecimentos: Todos os vilões teriam recebido o seu justo castigo. E Pombal?

Pombal, o carrasco manchado de sangue, como a História correctamente o chama, foi condenado à morte após o falecimento do monarca do qual tão vergonhosamente tinha abusado e morreu sem sacramentos, após a rainha ter comutado esta sentença para o banimento por toda a vida, tendo em conta a sua velhice. O seu corpo foi evitado com horror por todos; nenhum túmulo o receberia, e ele permaneceu por enterrar durante anos. (Holzwarth, 1872b: 113.)

Os fins indignos de outros quatro conspiradores são também resumidos. «Que os perseguidores da ordem jesuíta tomem um exemplo

de aviso do destino destes infelizes» (Holzwarth, 1872b: 115). A narrativa histórica termina com esta advertência e uma declaração do Papa Clemente XIII elevando Malagrida ao estatuto de mártir.

4. Apoteose: J. Werther (*Pombal*)

Em *Pombal*, Julius Werther realiza exemplarmente a teoria mais convencional e conhecida do drama, vinda de Gustav Freytag. O primeiro acto expõe o conflito principal a partir do qual a acção dos actos seguintes ganhará o seu dinamismo e intensidade. Dois grupos de personagens, um pró e o outro anti Pombal, são introduzidos. Os estereótipos que Werther utiliza para caracterizar o ministro não se afastam muito dos da narrativa histórica de Holzwarth, no entanto, a avaliação da sua credibilidade é invertida. Por um lado, a peça do dramaturgo de Mannheim tenta reforçar a veracidade histórica da percepção positiva de Carvalho e Melo. Por outro, a percepção e representação negativa de Pombal é apresentada como uma estratégia manipuladora pela nobreza, pelos latifundiários e pelos Jesuítas para o desacreditar. Do lado de Pombal estão Marco, Gil e os cidadãos lisboetas Ruy, Hernan e Gonez. Num longo monólogo, Marco conta como ele, enviado pelo Porto para matar Pombal, foi salvo e convertido pelo alvo da sua missão. O assassino, diz ele, entrou numa igreja e foi surpreendido pelo terramoto durante a missa. Acordou rodeado pelos mortos: «noite negra por todo o lado» (Werther, 1872: 20). Foi enterrado na

cripta com uma noviça (esta desempenhará um papel importante).

Luz, em mim algo grita: luz! E vejo realmente luz – vejo-a sempre presente – sinto luz, cada pequena fibra do meu corpo sente luz; estou realmente ressuscitado, mas à vida, mais uma vez à vida terrena! [...] E sabem quem me chamou à vida, à ressurreição? O mesmo homem que foi o alvo do meu assassinato – Carvalho! – Julgue agora se eu não lhe devo agradecimentos. (Werther, 1872: 21)

A metáfora da luz do Iluminismo é aqui adoptada, e a salvação é retratada como um renascimento quase religioso. O iluminador tem as características de um salvador que liberta o indivíduo das caves escuras da igreja, dos escombros da fé. Malagrida é também descrito como um santo, no primeiro acto, contudo, são o clero da Companhia de Jesus e os cidadãos do Porto que representam este ponto de vista.

Ele nunca dorme mais de duas horas à noite, e reza 40 rosários por dia. Não viram por vós próprios como, no dia de São Salmeron, o navio que o trouxe do Brasil estava em perigo de se desfazer na saída do Tejo, e como a tempestade abrandou imediatamente quando o piedoso Pai começou a rezar? (Werther, 1872: 14)

No entanto, a partir da quarta cena, aparece Ximena, uma jovem nobre por quem Malagrida se apaixonara. Ele mandou raptar a virgem e perseguiu-a atrás das paredes do convento. Com a caracterização de Malagrida como um

velho dissoluto, a peça faz uso de um *topos* de propaganda anti-jesuíta. Malagrida tenta de novo apanhar a rapariga, mas Carvalho, que aparece no final do primeiro acto, assume o caso, arrancando a freira das garras do seu ladrão. O enredo do drama desmente Malagrida e mostra que a posição frontal das duas partes – o ministro, os seus subordinados e os cidadãos de Lisboa, de um lado, e o jesuíta, o clero e os cidadãos do Porto, do outro – é uma justaposição do bem e do mal.

No segundo acto, Pombal entrega a Saldanha um documento no qual a reforma da Companhia de Jesus é justificada e delineada. Os Jesuítas são acusados de prejudicar a Coroa e o país por usurparem o comércio com as colónias. Sobre a ameaça dos Jesuítas, Carvalho diz: «Temo/Eles [os Jesuítas] não, quando sei que o cidadão está feliz» (Werther, 1872: 31). O relatório de Marco confirma os rumores: os Jesuítas haviam recebido «carrinhos inteiros de ouro» (Werther, 1872: 32) das colónias e escondido estes e outros bens. A peça utiliza, assim, a informação estatal portuguesa durante o debate jesuíta do século XVIII para contribuir para a dissolução da ordem religiosa. Segue-se o diálogo entre Ximena e Pombal. Ela teve de renunciar a tudo e, na sua opção pelo mosteiro, ficou impressionada com o facto de Malagrida parecer ter domado a tempestade que trouxe o seu navio em perigo com as suas orações: «Carvalho: Criança enfeitiçada! O que era a providência de Deus, À

vontade do homem» (Werther, 1872: 37). Ximena conta que, uma vez em Portugal e no mosteiro, o discurso do padre se tornara cada vez mais insinuante:

Quando estávamos a bordar os panos sagrados ou a tecer para as capelas, o seu olhar escuro e profundo seguiu-me, brilhando sedutoramente, e mesmo no confessional o seu ensinamento de repente me pareceu perturbador; ele exigiu de mim a obediência mais incondicional, prometeu-me o perdão de todos os pecados que cometi sob o seu comando expresso. Pois os pecados que permaneceram em segredo não eram pecados, de acordo com a lei da consciência, se apenas o indivíduo não participava neles interiormente, não pensava assim em Deus. (Werther, 1872: 38)

Quando Ximena se recusou a submeter-se à sedução de Malagrida, tornou-se violenta. A rapariga conseguiu escapar. Depois deste relatório, ela agradece a Pombal por, mais uma vez, ter salvado a sua vida, pois era ela a noiva que Pombal salvara da cripta. Depois de Ximena deixar o mosteiro, Dom Mascarenhas, seu tio, apresenta-se ao ministro. Ele tenciona levar a sua sobrinha de volta ao convento, o que Pombal não permite. Os dois começam a discutir, quando o rei e a Duquesa de Távora e o Grande Inquisidor entram em palco. O conflito é alargado e decidido neste momento a favor da nobreza e do clero. O rei e Pombal têm, no final, de entregar a rapariga à Igreja.

No terceiro acto, a acção desloca-se para a prisão da Inquisição e está a encaminhar-se para o clímax. Marco e Gil entram no edifício para assistir secretamente ao julgamento que irá decidir o destino de Ximena. Casualmente, eles ouvem a confissão de Malagrida ao provincial jesuíta, na qual revela que pecou e se apaixonou pela rapariga. «Eu vi a virgem, Senhor – e naquele dia –/Perdi a minha paz e eu próprio» (Werther, 1872: 64).

Do mais profundo da minha alma, o amor será
para sempre /Negado a mim? Senhor, se esta
é a Tua vontade,/Então deixa-me morrer! Tira
uma vida,/O que não é nada, se me tirares/O
mais alto dos sentimentos, o amor – pela mu-
lher! – (Werther, 1872: 66)

Malagrida pede para ser queimado com Ximena na fogueira da Inquisição, a fim de se unir a ela pelo menos nas chamas. Os inquisidores discutem então o assunto. Secretamente, decidem castigar Malagrida com o banimento, mas queimar a freira publicamente, uma vez que esta havia deixado a ordem sem permissão. Quando Ximena é levada, Pombal entra em cena com Marco e Gil e numerosos cidadãos lisboetas. No entanto, os Jesuítas não se rendem. Mas, desta vez, o lado burguês e monárquico ganha a vantagem. A tentativa de libertação é bem-sucedida depois de Pombal, no monólogo central do drama, descrever a terra como um templo em que habita a liber-

dade: «Por duas coisas o Estado e os príncipes sempre guardaram/De vós, de todos os inimigos –/São as boas armas e as leis!/Agora, amigos, levantem-se e venham!» (Werther, 1872: 92). O Estado (legal) e a sociedade civil demonstram o seu valor no cerne da Inquisição.

No quarto acto, uma conspiração de jesuítas, da família Távora e dos cidadãos do Porto é utilizada como um momento de desaceleração. O próprio Malagrida dá a ordem para matar o rei e Pombal (Werther, 1872: 116). No quinto acto, Carvalho frustra o plano de assassinato recorrendo ao motivo de regicídio presente na propaganda anti-jesuíta. Inicialmente capturado, será mais tarde libertado do cativeiro por homens leais. Após os primeiros disparos dos conspiradores, a carruagem do rei foge, enquanto o ministro e os seus camaradas de armas (aqui também chamados de «cidadãos») lutam contra os assassinos e ganham a batalha. Entretanto, Ximena, que havia descoberto a trama sinistra e assim contribuído para salvar o regente, é levada perante o rei gravemente ferido. Este último, nota que Pombal e Ximena estão apaixonados um pelo outro. Com a chegada das notícias de Roma, uma anulando a ordem jesuíta, a outra anulando os votos religiosos de Ximena, nada se opõe ao casamento do ministro e da ex-freira. O drama termina com a reunião dos amantes e a nomeação de Pombal como Marquês de Pombal (Werther, 1872: 147).

5. Comparação dos textos entre si e com os discursos jornalísticos

As duas representações literárias de Pombal são de fraca qualidade literária. Embora se refiram a um nível comum de conhecimento histórico, elas contornam a figura do ministro de formas opostas. Também os acontecimentos históricos (o trabalho dos Jesuítas na América Latina e o atentado) interpretam a narrativa histórica e o drama de uma forma contraditória, não podendo o desenho a «preto e branco» do conflito e a construção antagónica de Pombal-Malagrida fazer frente aos factos históricos. Contudo, essa também não é a intenção principal. As sugestivas afirmações ou utilizam a literatura propagandisticamente no sentido do *Kulturkampf* prussiano contra os Jesuítas e o ultramontanismo, ou apoiam a campanha dos católicos do sul da Alemanha contra a vontade de hegemonia prussiana. Quando a figura de Pombal, na peça de Werther, acusa o director da Ordem dos Jesuítas de «usarem máscaras atrás das quais os lobos se escondem» (Werther, 1872: 129), é invocada uma iconografia mais antiga. A peça utiliza *topoi* de discursos históricos anti-jesuítas (Vogel, 2006: 188-198). No entanto, o drama, com o seu final *maudlin*, não é, de forma alguma, estrutural e esteticamente diferente das produções em massa heterónomas do seu tempo, em que os antecedentes históricos fornecem tramas esquemáticas. A explicação pouco plausível de Holzwarth sobre a conspiração dos Távoras, de que se trata de uma vingança contra um

criado atrevido, parece também estar endividada com a forma estética. Enquanto as peças do século XIX, que eram produzidas em grande quantidade para satisfazer a fome de novidade, tendiam a aplicar «cores» cada vez mais «berrantes», as mediócras novelas históricas do século XIX procuravam preencher lacunas de conhecimento no que diz respeito ao significado unificador. No entanto, os textos eram tão relevantes no seu tempo, ou suficientemente convincentes, que foram publicados, executados, publicitados e criticados. E assim o discurso jornalístico Pombal.

Existem 174 referências em revistas austríacas e 124 em revistas alemãs que constituem a minha amostra. Viena, Graz, Linz, Brno e Innsbruck são os lugares austríacos onde Pombal é predominantemente discutido. Na Áustria, existem órgãos próximos do governo, *Die Presse* ou *Vaterland*; jornais liberais, como o *Wiener Illustrierte Extrablatt* ou o *Tagespost*, de Graz; e também revistas clericais que mencionam Pombal. Na Alemanha, o Bade (Baden) e os montes Metalíferos (Erzgebirge) destacam-se, mas este último apenas porque a novela pombalina *Das Attentat* é aí impressa. Outras menções a Pombal estão dispersas e são irrelevantes. Das referências jornalísticas alemãs a Pombal, a maior parte é relativa à peça de Werther: o *Leipziger Tageblatt* e o *Börsenblatt des Deutschen Buchhandels* anunciam actuações ou discutem brevemente a recepção da peça. Dois jornais do sul da Alemanha, o *Badischer Beobachter* e o *Karlsruher Zeitung*,

são assinaláveis, na medida em que ambos discutem encenações do drama de Werther em Colónia e em Mannheim e têm visões diametralmente opostas a este respeito. Para o *Beobachter*, católico centrista, esta é uma peça de tendência desagradável da pior qualidade:

Por puro desejo de escárnio e escândalo, ou, como foi dito, «por uma demonstração anti-ultramontana», foi repetidamente encenada uma fabulosa peça de teatro *Pombal* e aplaudida, um produto artístico muito miserável. Há indignação a este respeito nos círculos católicos. (*Badischer Beobachter*, 26 de Fevereiro de 1873: 2)

Mais tarde, falam de uma «obra de arte miserável» que «não merece ser interpretada em nenhum palco». O *Karlsruher Zeitung*, em contrapartida, aplaude a peça. Por um lado, a querela jornalística pode ser explicada pela política de imprensa liberal em Bade, onde não havia censura. Por outro, está ligada ao veemente conflito confessional ali existente e à prussofobia do povo de Bade — o reino do sul da Alemanha havia sido ocupado pelas tropas prussianas após a revolução. Pode, em suma, afirmar-se que na Alemanha Pombal é recebido principalmente em termos literários, sendo que estes artefactos literários são eles próprios discutidos em termos de crítica literária. O momento propagandístico do *Tendenzstück* é enfatizado pelas vozes católicas, não sendo especificamente mencionado pelos jornais liberais e pró-estatais. O Pombal histórico

não tem qualquer significado analítico para os escritores alemães. Também não fazem qualquer referência a Bismarck. Apenas a anónima *Exortação para príncipes e povos*, que foi impressa fora da esfera de influência legal de Bismarck, cria essa ligação.

Na Áustria, a situação é completamente diferente, tanto em termos de quantidade como de tipo de referências. Os escritores austríacos não escrevem a sua própria peça ou narrativa, mas os publicistas austríacos, por um lado, referem-se frequentemente ao Pombal histórico para reflectir o presente e, por outro, discutem os tratamentos literários de Pombal, relacionando-os por vezes directamente com o *Kulturkampf* prussiano. A reflexão histórica sobre Pombal é estimulada não só pelo *Kulturkampf* de Bismarck, mas também pelo centenário da abolição da Ordem dos Jesuítas pelo Papa Clemente XIV, em 1773. No caso dos jornais católicos de Linz, Graz, Innsbruck ou Viena, a referência a Pombal é naturalmente negativa. São eles que estabelecem paralelos entre o *Kulturkampf* e a proibição jesuíta sob Pombal: «O Marquês de Pombal é um modelo feio e detestável de um verdadeiro lutador da cultura moderna [*Kulturkämpfers*]» (*Grazer Volksblatt*, 17 de Novembro de 1874: 10). E também relacionam o conflito entre Estado e Igreja com a relação prussiana-austríaca:

O ministro português Pombal, um infiel absoluto, teve o jesuíta Malagrida, este modelo de piedade, queimado por heresia!

Quem não vê na calúnia jesuíta e concordata dos nossos dias um humor verdadeiramente diabólico? Não se tem vergonha de blasfemar sobre as antigas «escolas jesuítas» na Prússia e, ao mesmo tempo, de afirmar que Nós, austríacos, fomos derrotados pelos professores prussianos na batalha de Königgrätz. (*Wiener Kirchenzeitung*, 11 de Outubro de 1873: 641)

O discurso pró-jesuíta no jornalismo austríaco pode assim retomar padrões mais antigos de argumentação e torná-los prussofóbicos. E esta tendência persiste, no que diz respeito à recepção crítica literária do drama de Werther. Por exemplo, o *Fremden-Blatt* de Viena, o órgão oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros, interpreta a peça em termos de razões de Estado. O contexto para tal foi a quase representação da peça de Mannheim em Munique, da qual o Teatro de Munique se abstém no último minuto pelo facto de não ter agradado às autoridades eclesiásticas. A peça, escreve o correspondente de Munique da *Fremden-Zeitung*, foi

uma tendência tão trapalhona na sua concepção, tão grosseira na sua execução, que não podemos acreditar que o nosso teatro da corte se tenha permitido adoptá-la. [...] Os exageros são tão abundantemente aplicados, que o efeito poderia facilmente tornar-se o oposto do pretendido. (*Fremden-Zeitung*, 3 de Maio de 2022: 6)

A argumentação tenta reinterpretar a decisão do Teatro. Não terá sido a problemática moral

da peça a possivelmente ofender os sentimentos religiosos, mas a sua falta de qualidade estética, que opôs a produção da mesma. Em contraste, os jornais liberais austríacos apresentam argumentos mais cautelosos em relação à recepção do *Pombal* de Werther. Em Graz, onde a peça de Werther é encenada em 1874, apesar das críticas do *Volksblatt*, o liberal *Tagespost* anuncia a peça e recomenda-a aos seus leitores. O dramaturgo fez um bom trabalho com o assunto:

Este Bismarck português, que foi capaz de atingir o seu objectivo com uma energia brutal, mesmo, quando necessário, com dureza e crueldade, é de facto um personagem histórico de interesse invulgar, e extraordinariamente adequado para uma figura dramática fascinante. O poeta [...] retratou este notável estadista da forma como o público [...] esperava. *Pombal* de Werther é uma peça com tendência [Tendenzstück], que apela ao humor das massas através da sua florescente dicção, ligando-se às questões actuais, e através do seu retrato enérgico do fanatismo católico, como a recepção entusiasta da peça por parte do público prova plenamente. (*Tagespost*, 9 de Dezembro de 1873: 3)

Note-se que aqui os componentes negativos, maquiavélicos, do modelo histórico são legitimados pelo fanatismo religioso contra o qual Pombal teve de lutar. Realce-se também que a polarização na recepção literária reflecte-se, assim, na recepção jornalística da peça. Contudo, apenas os jornais austríacos, tanto

liberais como conservadores, mencionam os paralelos entre Bismarck e Pombal que são inerentes aos textos literários. Enquanto o discurso literário na Alemanha é mais diferenciado e o discurso jornalístico menos sofisticado, o discurso jornalístico austríaco é orientado para modelos literários alemães e aborda finalmente o *Kulturkampf* prussiano e as animosidades entre os países e entre as confissões por meio das figuras literárias. Na Áustria, a pré-história histórica da perseguição jesuíta parece fornecer o modelo para a reflexão sobre os processos de modernização que se desenrolam por volta de 1870 na pessoa de Bismarck. Surpreendentemente, a situação do discurso austríaco equivale mais à ideia de esfera pública burguesa desenvolvida por Habermas. Mas tudo isto não teria sido possível antes da Constituição de Dezembro, que representou um compromisso necessário por parte da Áustria e fez concessões de grande alcance às forças seculares.

Em resumo, pode afirmar-se, em relação aos tipos de fonte, que a comparação das formas jornalísticas e literárias de enunciação é proveitosa para a investigação histórica e que,

além disso, faz sentido transcender as fronteiras nacionais. Por volta de 1870, o Marquês de Pombal foi uma figura central de reflexão nos debates em língua alemã sobre a modernização — e isto mais de cem anos após o seu pico de influência histórica.

Bibliografia

- Badischer Beobachter* (1873, 26 de Fevereiro). p. 2;
Fremden-Zeitung (2022, 3 de Maio). p. 6;
Grazer Volksblatt (1874, 17 de Novembro). p. 10;
Holzwarth, J. (1872a). *Der Minister Pombal und der Jesuit Malagrida: Gerichte Gottes in der Geschichte; ein Mahnruf für Fürsten und Völker*. Kirchheim. Mainz;
Holzwarth, J. (1872b). *Malagrida und Pombal oder Ein Opfer des Jesuitenhasses*. Pustet. Regensburg;
Malagrida, G. (1756). *Juizo da verdadeira causa do terremoto que padeceo a corte de Lisboa no primeiro de novembro de 1755*. Officina de Manoel Soares. Lisboa;
Vogel, C. (2006). *Der Untergang der Gesellschaft Jesu als europäisches Medienereignis (1758-1773). Publizistische Debatten im Spannungsfeld von Aufklärung und Gegenaufklärung*. Philipp von Zabern. Mainz;
Tagespost (1873, 9 de Dezembro). p. 3;
Werther, J. (1872). *Pombal. Schauspiel in fünf Akten*. A. Werther. Stuttgart;
Wiener Kirchenzeitung (1873, 11 de Outubro). p. 641.